
Patrimônio material em Florianópolis: o Palácio Cruz e Sousa e sua transformação em Museu Histórico de Santa Catarina

Janaina da Silva Custódio¹

Thatiane da Silva²

Resumo: O tema a ser desenvolvido no artigo está voltado para a discussão sobre um dos patrimônios materiais na cidade de Florianópolis: o Palácio Cruz e Sousa. O foco central será a discussão sobre a transformação do prédio em museu. Nós abordaremos a importância do museu para a memória política do Estado, e serão abordados alguns aspectos da Museologia, com a intenção de discutir o espaço expositivo, a acessibilidade e a quem o museu serve.

Palavras-chave: Museu; Memória; Política; Patrimônio.

Abstract: The theme to be developed at the article is turned for the discussion about a of heritages materials the city of Florianópolis: the Palace Cruz e Sousa. The central focus will be the discussion about the transformation of the building in museum. We will approach the importance of the museum to memory policy of the State, and will be approach some aspects of the Museology, with the intention of discuss the expository space, the accessibility and the who the museum serve.

Keywords: Museum; Memory; Politics; Patrimony.

Introdução

O museu como espaço museológico atua como um local de reflexão perante a realidade social, através da relação entre o público e o objeto. De fato, esse espaço deve provocar questionamentos e problematizações acerca do cotidiano da sociedade. No entanto, a realidade dos museus brasileiros é bastante diferente, pois nem todos estabelecem relações com suas comunidades locais, valorizando mais os objetos materiais do que o homem como elemento principal da sua constituição. Para Desvallées e Mairesse:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite³.

1 Graduanda em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: jana.museo@gmail.com

2 Graduanda em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: thatii126@gmail.com

3 DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de museologia*. Florianópolis: Fcc, 2014, p. 64. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury.



Contudo, algumas instituições museais possuem fins lucrativos, tendo como intenção apenas o lucro através das exposições de objetos. Com base na definição de museus estabelecida pelo ICOM – Conselho Internacional de Museus, eles são abertos ao público, porém, cada instituição determina seu público-alvo de acordo com seus objetivos em relação ao acervo. De acordo com o público-alvo estabelecido por essas instituições, nem todos os indivíduos das comunidades ao redor estão envolvidos com as propostas que o museu propõe.

A importância dos museus na sociedade só se estabelece a partir da participação das comunidades locais em seus processos de construção. É necessário que esses indivíduos se identifiquem com esses espaços museológicos, que saibam que suas memórias e identidades estão sendo ressignificadas e preservadas nas instituições.

Quando o bem cultural for efetivamente um valor, poderemos nos preocupar com nosso patrimônio, esteja ele no artefato-cidade ou no pequeno testemunho da criatividade humana, guardando nos museus. Nos museus que não estão mortos, que apenas despertam de um longo período de aparente inércia e que são sacudidos, agora, por um sopro renovador de profissionalização (no seu melhor sentido), de compromisso ético que extrapola os seus muros e de profundo questionamento de sua própria função e tarefa reintegradora num mundo de cultura caleidoscópica e em que tudo se relaciona com os sistemas de produção⁴.

Portanto, muitos museus ainda se encontram sacralizados, utilizando seus objetos como fonte de verdade absoluta. De acordo com essa perspectiva, esses espaços não promovem questionamentos e reflexões, pois são inertes e as suas funcionalidades estão voltadas à contemplação de objetos. No entanto, a dessacralização dos objetos se dá sob um novo olhar do visitante perante o espaço e ao seu acervo, caracterizando um diálogo entre eles.

O surgimento do primeiro curso de Museologia no Brasil ocorreu no ano de 1932, no Museu Histórico Nacional. Nessa época, até a década de 1950, a Museologia era considerada o estudo dos museus. No entanto, a partir da década de 1960, ela passa por drásticas mudanças, tornando-se uma ciência em formação: a Nova Museologia. De acordo com Stránský:

4, Maria Cristina (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Volume 1. São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado de São Paulo, 2010, p. 122.



A Museologia é uma disciplina científica independente, específica, cujo objeto de estudo é uma atitude específica do Homem sobre a realidade, expressão dos sistemas mnemônicos, que se concretiza por diferentes formas museais ao longo da história. A Museologia tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, e ela contribui à compreensão do homem no seio da sociedade.⁵

A Nova Museologia amplia a relação entre o homem e sua realidade, seu objetivo é o campo social, contrapondo-se apenas ao estudo dos objetos materiais no espaço museal. Nessa nova perspectiva, o principal objeto da Museologia é o homem e o seu meio. Esse campo é interdisciplinar, necessitando de outras ciências para seu desenvolvimento, como, por exemplo, a antropologia, a sociologia, a história, a arquitetura, a química e entre outras.

Considerando tais proposições, nesse artigo serão abordadas as modificações arquitetônicas do antigo Palácio Cruz e Sousa e sua transformação em Museu Histórico de Santa Catarina. Serão utilizadas fotografias do século XIX como fonte para a discussão sobre essas mudanças. O Objetivo principal é promover a reflexão sobre esse espaço museológico, através de estudos e métodos abordados e utilizados pela Museologia. Analisaremos essas questões com base em referências de autores do campo da Museologia e da História.

O Palácio Cruz e Sousa e a sua transformação em Museu Histórico de Santa Catarina

O antigo Palácio do Governo de Santa Catarina chama a atenção por ser um prédio imponente por sua arquitetura rica em detalhes, e por estar permeado pelas memórias políticas do Estado. Foi construído pelo Brigadeiro José da Silva Paes no século XVIII⁶, e está localizado próximo à Praça XV de Novembro e à Catedral Metropolitana de Florianópolis. Foi sede e residência do governo por longos anos. Segundo Souza:

Silva Paes esteve à frente do Governo da ilha de Santa Catarina entre 1739 a 1748, era engenheiro militar e oficial brilhante do Real Corpo de Engenharia do exército luso. Iniciou grandes obras e empreendimentos para o adiantamento da povoação que era a Vila de Nossa Senhora de Desterro, entre essas iniciativas estão à nova Matriz e a nova Casa do Governo. Esta Casa foi uma das primeiras construções a ser feita o poder público, e talvez

5 STRÁNSKÝ, 1980 *apud* DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de museologia*. Florianópolis: Fcc, 2014, p. 62. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury.

6 Não foi localizada a data exata da construção.



já estivesse habitada por volta de 1760, pois três anos depois foi realizado um jantar oferecido pelo então governador Francisco Antonio de Menezes.⁷

A estrutura da primeira versão do Palácio era constituída por uma arquitetura colonial, sem muitos detalhes, caracterizando um grande casarão. No governo de Hercílio Luz (1894-1898) foi efetuada uma grande reforma, agregando novas formas e detalhes inspirados em gêneros artísticos distintos. Conforme Alcídio Souza:

A reforma modificou completamente as características originais da edificação, foram colocadas figuras alegóricas de autoria do escultor italiano Gabriel Sielva, que são modeladas em cimento, e também de outros elementos decorativos como crateras. As linhas básicas da composição são destacadas por pilastras de cor branca e janelas rasgadas e portas, enquadradas por molduras arrematadas em verga em arco pleno, emoldurando bandeiras fixas. As figuras alegóricas estão isoladas ou agrupadas, totalizando em dez, destacando-se a de Mercúrio, que simboliza o comércio e a indústria catarinenses; a de Anfitrite, deusa do mar, caracterizando a vocação marítima da terra barriga verde e a de Santa Catarina, padroeira do Estado. Na fachada principal, ao centro, há um frontão em curva com as armas do Estado. Os estilos predominantes na estética do edifício correspondem ao barroco e ao neoclássico.⁸

O estilo barroco, inicialmente, surgiu na Itália durante o século XVI e permaneceu até o século XVIII. No Brasil, o estilo está presente na arquitetura das igrejas do período colonial. É caracterizado pela produção de grande quantidade de detalhes, constituindo formas extravagantes. Dentre as principais características do estilo, há "[...] utilização de plantas centralizadas ou axiais; formas côncavas e convexas; luz e efeitos de sombra."⁹

O estilo neoclássico vem em oposição ao barroco em relação à extravagância, pois suas técnicas não estão centradas no rebuscamento, mas sim, na simplicidade. Surgiu na Europa durante o século XVIII, tornando-se presente, principalmente, em edifícios públicos. As principais características desse estilo na arquitetura estão relacionadas "[...] a utilização de

7 SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992, p. 47.

8 SOUZA, Alcídio Mafra de. **Guia dos bens tombados de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992, p. 47.

9 **Portal educação**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/iniciacao-profissional/artigos/44691/arquitetura-no-brasil-o-barroco-e-o-rococo>. Acesso em: 28 out. 2015.



formas geométricas, colunas, frontões, molduras, folhagens, símbolos de revolução, e entre outros.”¹⁰

A análise dessa reforma pode ser percebida através das duas fotografias abaixo que fazem parte do acervo da Casa da Memória de Florianópolis, identificando suas características anteriores e posteriores. As fotografias da Casa que compõem o acervo são originárias de doações.

Figura 01 – Prédio do Palácio do Governo Estadual, 1892



Fonte: Casa da Memória de Florianópolis

10 ROSSO, Silvana Maria. Uol. Disponível em: <http://mulher.uol.com.br/casa-e-decoracao/noticias/redacao/2014/05/13/estilo-neoclassico-deixa-a-decoracao-chique-mas-cuidado-para-nao-exagerar.htm>. Acesso em: 28 out. 2015.



Figura 02 – Reforma do Palácio do Governo Estadual, século XIX.



Fonte: Casa da Memória de Florianópolis

A fotografia é considerada uma fonte documental, sendo utilizada para análises e pesquisas. Como aponta Chagas:

[...] documento é algo compreendido como “aquilo que ensina” (*doccere*) ou mais precisamente aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém. O ensinamento, como se sabe, não emana e não está embutido no documento. Ele está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter. Por outro lado, o documento é compreendido como “suporte de informações” que só podem ser preservadas e resgatadas através do questionamento¹¹.

Portanto, é criado um discurso sobre as fotografias através do questionamento, implicando em análises a respeito de sua composição, contexto, objetivo, autor, etc. É importante destacar que as fotografias que retratam as transformações arquitetônicas do Palácio, contribuem para problematizações acerca da época, e, principalmente, em relação à questão política, contribuindo para o ensino a respeito do contexto no qual está inserido e à identificação da função dessas fotografias como documento. Ela tem papel importante na

11 CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. In: _____. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996, p. 42.



análise das transformações arquitetônicas do Palácio ao longo do tempo, como a primeira figura, que apresenta sua versão original e a segunda, que apresenta a reforma em sua estrutura. Como aponta Márcio Jesus Ferreira Sônego:

Para Kossoy (2001), toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época. “O fotógrafo enquanto filtro cultural” (id., p. 42). O homem, o tema e a técnica específica (esta, por mais avançada que seja) são em essência os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens de qualquer espécie (id., *ibid.*). Uma das primeiras noções a adquirir é a de que a fotografia é uma representação do objeto, da pessoa ou do grupo que se posicionou ante a máquina no momento da tomada da imagem. O que vemos não é a coisa propriamente que esteve lá, mas uma imagem da coisa. Nesse sentido, a fotografia é um signo, não representa o seu objeto em todos os sentidos, mas apenas em alguns. A fotografia é um traço da realidade, um fragmento recortado em determinado tempo e espaço¹².

As imagens acima não registram somente as características materiais do prédio, mas tem o propósito de representar as transformações urbanas específicas de cada governo. No entanto, a fotografia não representa apenas o objeto em si, mas o contexto pelo qual o objeto estava inserido. O contexto histórico baseia-se em um período de transição política, ou seja, o início da república em 1889. Antes desse período, em 1726, Florianópolis era conhecida como a vila de Nossa Senhora do Desterro, porém, tornou-se cidade apenas em 1823. Entretanto, em 1984, após a vitória na Revolta da Armada¹³ pelas tropas do marechal Floriano Peixoto, a cidade passou a se chamar Florianópolis em homenagem ao oficial. De acordo com Carolina V. Dantas e Alan Carneiro:

Hercílio Luz assumiu pela primeira vez o governo de Santa Catarina no dia 28 de setembro de 1894, tendo Polidoro Olavo de Santiago como vice-governador. Três dias depois de sua posse, sancionou projeto aprovado pelo Legislativo que alterava o nome de Desterro para Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto. Nesse período, quando da cisão do Partido Republicano Federal (PRF), acompanhou Francisco Glicério e José Gomes Pinheiro Machado, rompeu politicamente com o presidente Prudente de

12 KOSSOY, 2001 *apud* SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. *Historiae*, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2, p.116, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2366>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

13 Foi um movimento contrário ao presidente da república, Marechal Floriano Peixoto, sendo comandado pela Marinha brasileira no ano de 1893. Esse movimento transpareceu os interesses políticos no início da república no Brasil.



Morais (1894-1898), afastou-se de Lauro Müller e passou a apoiar as posições de Rui Barbosa no cenário nacional¹⁴.

Pode-se analisar uma questão importante em relação à reforma do prédio com o período de transição política pelo qual passava o país e a cidade de Florianópolis, pois como Hercílio Luz foi o primeiro governador republicano a assumir o poder em Santa Catarina, pode-se ressaltar que talvez houvesse influências da gestão do novo governo na transformação arquitetônica do Palácio. A reforma deu origem a um prédio com uma estrutura mais moderna que, talvez, seja uma forma de mostrar poder político e novas propostas de modernização para a cidade.

É importante ressaltar que, com o advento da República não houve somente mudanças no âmbito político, mas nos aspectos sociais, culturais e econômicos. De acordo com Sandro da Silveira Costa:

No Brasil cujo desenvolvimento econômico-cultural, no final do século XIX e início do século XX, era incipiente, os padrões de modernidade como as grandes avenidas, a organização de amplo sistema de água e esgotos, o embelezamento da região central das cidades, eram espelhados no continente europeu, sobretudo no eixo Paris-Londres. Esses padrões foram adotados principalmente no Rio de Janeiro, capital política e centro econômico do país, na época. Procurava-se reproduzir e adaptar modelos de urbanismo adotados na Europa. Constituiu-se, desta forma, uma modernidade periférica¹⁵.

Nesse aspecto, a arquitetura do Palácio é espelhada nos estilos de arte européia, sendo visto como algo mais sofisticado e moderno. Sendo assim, percebe-se certa valorização de aspectos da cultura européia e um distanciamento dos aspectos da cultura popular brasileira. No entanto, o país não estava passando apenas por uma transição política, mas também por uma tentativa de transição cultural. E isso é notado na intenção de reformar o prédio. Portanto, as imagens apresentadas não possuem apenas o objetivo de mostrar as transformações físicas de um prédio de poder público, mas também é passível de análises

14 DANTAS, Carolina Vianna; CARNEIRO, Alan. *Hercílio Luz*. 2008. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUZ_Hercilio.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016. p. 03.

15 COSTA, Sandro da Silveira. Transfigurações urbanas em Florianópolis (1880-1930). *Ágora: Revista do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina & Curso de Arquivologia da UFSC*, Florianópolis, v. 14, n. 29, p.27, 1999. Disponível em: <<https://uniarp.emnuvens.com.br/ra/article/view/198/0>>. Acesso em: 21 jun. 2016.



mais aprofundadas sobre os significados e contextos que permeiam o objeto, constituindo a fotografia como um objeto de pesquisa.

Em 1979, a antiga Casa dos Governadores passou a se denominar Palácio Cruz e Sousa, em homenagem ao poeta simbolista que nasceu na antiga Nossa Senhora do Desterro em 24 de novembro de 1861. João da Cruz e Sousa era filho de escravos alforriados e desde muito jovem esteve voltado a literatura. Ele estudou “[...] no Ateneu Provincial Catarinense, de 1871 a 1875, onde aprendeu francês, latim, grego, matemática e ciências naturais.”¹⁶ Junto com Virgílio Várzea e Santos Lostada, fundou o jornal Colombo, ao qual demonstravam adesão à Escola Nova (o Parnasianismo)¹⁷. Cruz e Sousa promovia conferências em algumas cidades, ao qual defendia o abolicionismo. Através de sua produção literária, consagrou-se como o fundador do simbolismo brasileiro, pois combinava “[...] o parnasianismo, o pessimismo, o materialismo à musicalidade simbolista, sob as influências de Baudelaire e Antero de Quental[...]”¹⁸. As obras que contribuíram para isso foram, “Missal”, constituído por poemas em prosa, e “Broquéis”, composto por poemas, sendo ambos publicados em 1893.

O edifício foi tombado como Patrimônio Histórico do Estado em 26 de janeiro de 1984, através do Decreto nº 21.326.¹⁹ De acordo com a Lei de nº 6.900 de cinco de dezembro de 1986, o espaço passou a sediar o Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC). Sendo que, a sede do Museu Histórico foi transferida do prédio da antiga Alfândega de Florianópolis para o Palácio Cruz e Sousa, como é possível perceber no trecho abaixo:

Art. 1º Ficam as instalações do Museu Histórico de Santa Catarina transferidas do prédio da antiga Alfândega de Florianópolis para o Palácio Cruz de Sousa.

Art. 2º Ficam igualmente transferidas para o Palácio Cruz de Sousa e sede do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Art. 3º Caberá à Direção do Museu Histórico de Santa Catarina a administração e conservação do Palácio Cruz de Sousa.

16 Cruz e Sousa. 2016. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/cruz-e-sousa.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

17 Ibid.

18 Ibid.

19 A ementa do decreto de nº 21.326 diz que houve a homologação de parecer do Conselho Estadual de Cultura, ao qual solicitou o tombamento do Palácio Cruz e Sousa. Foi aprovado e tornou-se vigente a partir do dia 27 de janeiro de 1984.



Art. 4º A programação cultural promovida pelo Museu Histórico de Santa Catarina contará, sempre com a cooperação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina²⁰.

Em relação à transferência da sede do Museu Histórico de Santa Catarina para o Palácio Cruz e Sousa, poderia haver, entre os motivos, uma intenção de garantir mais valorização do Museu, pois o Palácio serve como um monumento importante para o Estado, como antiga sede do governo. E além de ser um prédio imponente, ele também representa questões de poder, algo que é presente em museus históricos. Pois, em muitos museus com essa tipologia há uma predominância em ressaltar a “história dos vencedores”, juntamente com questões políticas que correspondem a uma classe social dominante.

A transformação do Palácio em museu se deu porque o prédio além de ser visto como um patrimônio histórico possui um valor simbólico para a memória política do Estado, e não só por seu valor material. A Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina esteve por trás da solicitação de transferência do Museu e, posteriormente, o governador na época, Esperidião Amin Helou Filho, sancionou a lei no ano de 1986. Os interesses descritos na lei de nº 6.900 determinam como responsável pela administração e conservação do Palácio, a direção do Museu Histórico. Entretanto, como a administração do Museu já possui uma capacidade de gerir baseada na preservação de bens culturais, tornou-se algo mais acessível para dar continuidade a preservação daquele espaço.

O Museu Histórico: acervo e exposição

O Museu Histórico de Santa Catarina é um local de memória, que, segundo a sua administração, tem como objetivo geral “[...] fortalecer a História de Santa Catarina, desenvolvendo ações de preservação, comunicação, pesquisa e gestão qualificada.”²¹ No

20 BRASIL (Estado). Lei nº 6.900, de 05 de dezembro de 1986. *Transferência da Sede do Museu Histórico de Santa Catarina e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 05 dez. 1986. Disponível em: <[http://200.192.66.20/ALESC/oop/qfullhit.htm?CiWebHitsFile=/alesc/docs/1986/6900_1986_lei.doc&CiRestriction;=\(\(@DocTitle+6900\)+OR++\(@DocKeywords+6900\)+OR++\(@DocCategory+6900\)+OR++\(@DocSubject+6900\)+OR++\(@DocComments+6900\)+OR++\(6900\)\)&CiBeginHilite;=&CiEndHilite;=&CiUserParam3;=/ALESC/PesquisaDocumentos.asp&CiHiliteType=Full](http://200.192.66.20/ALESC/oop/qfullhit.htm?CiWebHitsFile=/alesc/docs/1986/6900_1986_lei.doc&CiRestriction;=((@DocTitle+6900)+OR++(@DocKeywords+6900)+OR++(@DocCategory+6900)+OR++(@DocSubject+6900)+OR++(@DocComments+6900)+OR++(6900))&CiBeginHilite;=&CiEndHilite;=&CiUserParam3;=/ALESC/PesquisaDocumentos.asp&CiHiliteType=Full)> . Acesso em: 03 out. 2015.

21 MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA (Santa Catarina). Fundação Catarinense de Cultura. *Objetivo geral*. 2016. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/mhsc/pagina/17209/objetivogeral>>. Acesso em: 21 jun. 2016.



entanto, o Museu não contempla toda a História do Estado, apenas uma parcela que contextualiza sua trajetória política.

O acervo do Museu é composto pelo mobiliário da antiga residência, adquiridos nos mandatos entre governadores. Entre os principais objetos estão a primeira bandeira de Santa Catarina, a primeira lâmpada acesa em Florianópolis²², uma tela que retrata Cruz e Sousa²³ e uma caixa de música do século XIX²⁴.

A exposição desses objetos e o espaço transmitem a impressão de sacralidade, onde o espaço se apresenta como um local frio, sem muitas mudanças. Na parte frontal do edifício está inserido o mobiliário, na parte de trás há uma sala para exposições temporárias e o jardim do Palácio. Por ser um edifício antigo, chama a atenção por sua estrutura. Importante salientar neste sentido que:

Nenhum objeto possui um sentido intrínseco, atribuímos a ele valores. Quando um objeto é retirado de um contexto e colocado em um museu, ele adquire outro significado. Suas composições com outros objetos e sua classificação influenciam a forma como o vemos. Devemos pensar que as coleções são sempre feitas de escolhas e, portanto, de exclusões, e que nenhum ato pode ser neutro e desinteressado. Mais do que depositários de acervos sagrados para contemplação, os museus hoje devem ser pensados como lugares de produção cultural, de pesquisa, onde a história sempre pode ser reinventada²⁵.

Os objetos retratam memórias e histórias em relação à política, mas como Museu Histórico do Estado, ele não representa toda a população, apenas àqueles que possuem poder. Nesse caso, é difícil para a população se identificar ou refletir diante daquele espaço. De qualquer forma, é um belíssimo edifício que abriga diversos objetos distintos, mas o espaço ainda carrega, em parte, o objetivo de contemplação.

Convém destacar ainda que, a sinalização desse espaço ainda não se encontra pela cidade de Florianópolis, há apenas um painel em sua frente. Mas nem toda a população sabe que aquele edifício abriga um museu histórico, caracterizando, assim, uma falta de comunicação com o público. É importante ressaltar que, não há acessibilidade no edifício,

22 A data corresponde ao dia 26 de outubro de 1910.

23 Produzida pelo artista Willy Zumblick.

24 A caixa é de produção alemã e é caracterizada no estilo *art nouveau*.

25 MARCO, Edina de (Org.). *Um museu-palácio em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2011, p. 08.



constituindo um grave erro, pois a visita de deficientes físicos e visuais fica restrita. Há apenas uma rampa na parte de trás do edifício para o acesso à sala de exposições temporárias.

Neste sentido, podemos pensar em relação ao Museu Histórico que a partir do momento em que os artefatos são inseridos no espaço museológico, eles perdem suas utilidades, porém, recebem informações a partir de um processo de pesquisa que vai intensificar os valores intrínsecos que há neles. No entanto, o processo pelo qual os artefatos passam dentro de um espaço museológico, faz com que o objeto se torne uma fonte de informação para os visitantes, ou seja, faz com que o público reinvente a história a partir de seu olhar questionativo.

Contudo, podemos analisar que o acervo ali exposto não representa toda a população, pois há muitos fatos que não são relatados em suas exposições, assim como, o papel de outros povos no processo de desenvolvimento do Estado ao longo do tempo. O que se vê, em relação a alguns objetos do Museu, é o intuito de tentar representar como eles foram utilizados pelos governadores que passaram por ali, apenas. Seria interessante que a instituição dialogasse com outras questões da história de Santa Catarina, proporcionando uma visão ampla de seus aspectos culturais, sociais e econômicos, e não apenas uma parcela deles.

Figura 03 - Sala de jantar do Museu Histórico de Santa Catarina, 2013.



Fonte: MARTINI, Rafael. Sala de jantar do Museu Histórico de Santa Catarina. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/visor/2013/11/26/aprovado-o-projeto-de-conservacao-do-museu-historico-de-sc/?topo=67,2,18,,67>>. Acesso em: 03 out. 2015.

A imagem acima retrata a sala de jantar do antigo Palácio, que compõe o acervo do Museu. Observa-se o mobiliário antigo em bom estado de conservação, proporcionando uma experiência que transporta o visitante até a época de sua utilização. Nessa sala expositiva, o cenário foi reconstruído, com a utilização de uma toalha sob a mesa, velas e utensílios de cozinha. Interessante destacar que em relação ao modo em que estão dispostos os objetos, há uma tentativa de caracterizar como estavam localizados e como eram utilizados em épocas anteriores. Quanto ao aspecto arquitetônico, os serviços de restauração efetuados ao longo dos anos contribuíram para a conservação de sua estrutura clássica e seus distintos detalhes.

Outro ponto a ser ressaltado é a questão de que alguns profissionais que trabalham nos museus não estabelecem diálogo com o público referente a informações sobre a instituição. No Museu Histórico do Estado, alguns funcionários, quando perguntados se na instituição havia material para pesquisa sobre a história daquele espaço, não sabiam responder a esses questionamentos. Direcionavam essas dúvidas para outros setores, que inclusive, também não apresentavam respostas.²⁶ De fato, é uma condição grave para esses espaços, pois não há treinamento dos funcionários ali presentes, assim, o público se vê confuso diante dessa falta de diálogo perante as informações da instituição.

De maneira geral, o patrimônio histórico e cultural ainda é visto apenas como um conjunto de monumentos materiais antigos que estão à disposição da sociedade para contemplação, e ao qual devemos preservar. No entanto, seu sentido é mais amplo e deve representar memórias e identidades. Como nos lembra Fonseca:

No Brasil, a temática do patrimônio – expressa como preocupações com a salvação dos vestígios do passado da Nação, e, mais especificamente, com a proteção de monumentos e objetos de valor histórico e artístico – começa a ser considerada politicamente relevante, implicando o envolvimento do Estado, a partir da década de 1920²⁷.

Entretanto, o termo *preservação* não está ligado apenas ao tombamento, mas ao sentido simbólico que o patrimônio representa. No entanto, muitos monumentos são apenas preservados por apresentarem características de gêneros artísticos europeus, ou por terem vínculo com classes dominantes. Entretanto, esse termo não está ligado apenas ao

26 Essa experiência ocorreu no momento em que fomos à instituição em busca de material sobre sua história, para fins de pesquisa relacionados a esse artigo.

27 FONSECA, Maria Cecília Londres. “A fase heróica”. In: _____. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: MinC – Iphan, 2005, p. 82.



tombamento no sentido material, mas ao sentido simbólico que o patrimônio representa. No Museu Histórico de Santa Catarina, considerado patrimônio no Estado, está identificada a sua memória política, como já foi mostrado anteriormente. Entretanto, esse patrimônio é importante para contextualizar a história política, porém, não contextualiza e não articula com a memória da população que também vivenciou esse período.

Considerações finais

Do Palácio Cruz e Sousa ao Museu Histórico de Santa Catarina, essa instituição representa parte da história do Estado, especificamente a história política. No entanto, o Museu ainda guarda resquícios de uma época na exposição de seu acervo. Porém, também é aberto a exposições temporárias que abordam variados temas. Sua estrutura física e arquitetônica passou por mudanças, e, atualmente, segue com processos de restauração para conservar sua estrutura histórica. Em relação ao acervo, foi incorporado a ele todo o mobiliário presente no antigo Palácio do Governo, bem como documentos e fotografias relacionadas a ele. Contudo, por ser uma instituição museológica, e apresentar projetos e ações educativas para a população, ainda é um espaço passível de erros.

Cabe destacar ainda que este museu possui o Núcleo de Ação Educativa (NAE), promovendo diversas atividades em parceria com outras instituições, como universidades, escolas, ONGs, secretarias de educação, com artistas, educadores e com a sociedade em geral. As ações educativas são importantes para a interação entre o público e a instituição, estabelecendo um diálogo através de atividades culturais e lúdicas. Essas ações não são apenas voltadas às escolas, mas ao público geral em qualquer faixa etária. No entanto, é necessário haver planejamento sobre as atividades, juntamente com os profissionais que trabalham nos espaços museológicos. Não é apenas o papel do educador fazer a ação educativa, mas também há o envolvimento do museólogo e demais profissionais. A Museologia é uma área interdisciplinar, necessitando sempre do apoio de outras áreas no desenvolvimento de projetos.

A instituição oferece, dentro de suas ações educativas, atividades dentro de seu espaço, como aulas de Yoga, realizadas em parceria com o Curso de Extensão Projeto Práticas Corporais do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esse projeto é aberto a toda a comunidade, proporcionando interação e utilização do



espaço museal de forma lúdica e prazerosa, promovendo a vivência de novas experiências pelo público.

Referências

ANGELO, Vitor Amorim de. *Revolta da Armada: setores da Marinha lutam contra Floriano Peixoto*. 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/revolta-da-armada-setores-da-marinha-lutam-contra-floriano-peixoto.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

BRASIL (Estado). Lei nº 6.900, de 05 de dezembro de 1986. *Transferência da Sede do Museu Histórico de Santa Catarina e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 05 dez. 1986. Disponível em: <[http://200.192.66.20/ALESC/ooop/qfullhit.htw?CiWebHitsFile=/alesc/docs/1986/6900_1986_lei.doc&CiRestriction;=\(\(@DocTitle+6900\)+OR++\(@DocKeywords+6900\)+OR++\(@DocCategory+6900\)+OR++\(@DocSubject+6900\)+OR++\(@DocComments+6900\)+OR++\(6900\)\)&CiBeginHilite;=&CiEndHilite;=&CiUserParam3;=/ALESC/PesquisaDocumentos.asp&CiHiliteType=Full](http://200.192.66.20/ALESC/ooop/qfullhit.htw?CiWebHitsFile=/alesc/docs/1986/6900_1986_lei.doc&CiRestriction;=((@DocTitle+6900)+OR++(@DocKeywords+6900)+OR++(@DocCategory+6900)+OR++(@DocSubject+6900)+OR++(@DocComments+6900)+OR++(6900))&CiBeginHilite;=&CiEndHilite;=&CiUserParam3;=/ALESC/PesquisaDocumentos.asp&CiHiliteType=Full)>. Acesso em: 03 out. 2015.

BRASIL (Estado). Regimento Interno nº 28, de 21 de julho de 2015. *Regimento Interno do Museu Histórico de Santa Catarina*. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/mhsc//arquivosSGC/DOWN_155853Regimento_Interno_do_MHSC_22_07_2015.pdf>. Acesso em: 03 out. 2015.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Volume 1. São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado de São Paulo, 2010.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. In: _____. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996. p.37-51.

COSTA, Sandro da Silveira. Transfigurações urbanas em Florianópolis (1880-1930). *Ágora: Revista do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina & Curso de Arquivologia da UFSC*, Florianópolis, v. 14, n. 29, p.26-33, 1999. Disponível em: <<https://uniarp.emnuvens.com.br/ra/article/view/198/0>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Cruz e Sousa. 2016. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/cruz-e-sousa.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de museologia*. Florianópolis: Fcc, 2014. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury.

EDUCAÇÃO, Portal. *Arquitetura no Brasil: o barroco e o rococó*. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/iniciacao-profissional/artigos/44691/arquitetura-no-brasil-o-barroco-e-o-rococo>> . Acesso em: 28 out. 2015.



FONSECA, Maria Cecília Londres. “A fase heróica”. In: . *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: MinC – Iphan, 2005.

MARCO, Edina de (Org.). *Um museu-palácio em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2011.

MARANDINO, Marta. (org.) *Educação em museus: a mediação em foco*. FEUSP/Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA (Santa Catarina). Fundação Catarinense de Cultura. *Objetivo geral*. 2016. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/mhsc/pagina/17209/objetivogeral>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SANTA CATARINA (Estado). Decreto nº 21326, de 26 de janeiro de 1984. Homologa parecer do Conselho Estadual de Cultura, que aprova tombamento do Palácio Cruz e Sousa. *Tombamento*. Santa Catarina, SC, 27 jan. 1984. Disponível em: <http://www.pge.sc.gov.br/index.php/legislacao-estadual-pge>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. *Historiae*, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2, p.113-120, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2366>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992, p. 47-48.

REBOUÇAS, Daniella. As formas de ver as formas: uma tentativa de compreender a linguagem expositiva dos museus. Lisboa: cadernos de sociomuseologia, nº 16, 1999.

ROSSO, Silvana Maria. *Estilo neoclássico deixa a decoração chique, mas cuidado para não exagerar*. 2014. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/casa-e-decoracao/noticias/redacao/2014/05/13/estilo-neoclassico-deixa-a-decoracao-chique-mas-cuidado-para-nao-exagerar.htm>>. Acesso em: 28 out. 2015.

VOGEL, Daisi et al. *Vitrines da história: a passagem do tempo nos museus de Santa Catarina*. Florianópolis: Tempo Editorial, 2005, p. 88-94.

Fontes

FLORIANÓPOLIS, Casa da memória de. *Prédio do Palácio do Governo Estadual*. 1892. 1 fot.: não col.

FLORIANÓPOLIS, Casa da memória de. *Reforma do Palácio do Governo Estadual*. Século XIX. 1 fot.: não col.

MARTINI, Rafael. *Sala de jantar do Museu Histórico de Santa Catarina*. 2013. 1 fot.: col. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/visor/2013/11/26/aprovado-o-projeto-de-conservacao-do-museu-historico-de-sc/?topo=67,2,18,,67>>. Acesso em: 03 out. 2015.



Recebido em 21 de junho de 2016

Aceito para a publicação em 26 de janeiro de 2017

